

Experimentação animal: como você avalia esta prática no Brasil e quais o seus limites éticos?

Por Wilson Savino* e Hugo Caire de Castro Faria Neto**

** Diretor do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz)*

*** Vice-diretor de Pesquisa, Desenvolvimento Tecnológico e Inovação do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz)*

Um mundo em que o uso de animais para a experimentação científica não seja necessário. Quem não gostaria de viver em um mundo assim? Apesar de grandes expectativas neste sentido, infelizmente não é esta a situação da ciência na atualidade. Desde que pautada na ética, no bem-estar e no rígido controle sobre sua utilização, a experimentação animal no campo da saúde permanece imprescindível para a descoberta de novos medicamentos, vacinas e tratamentos para doenças.

O aumento na expectativa e a melhoria na qualidade de vida que vemos hoje na população se devem, em muito, a inovações médicas que, no passado, dependeram do uso de animais. Isso inclui as vacinas atualmente disponíveis nos postos de saúde e os medicamentos que se pode comprar na farmácia.

A ciência tem investido no desenvolvimento de métodos alternativos ao uso de animais – entre eles, estão o cultivo de células e tecidos, e os modelos virtuais que recorrem à bioinformática para prever as reações dos organismos. A busca por métodos alternativos, porém, ainda esbarra em limitações: são aplicáveis em determinadas etapas da pesquisa e em situações específicas. Ainda estamos longe de uma solução que reproduza de forma precisa as complexas interações do organismo.

As estratégias da ciência para o uso responsável e ético de animais têm sido pautadas na tríade: substituição, redução e refinamento. Assim, o uso só é permitido quando não há alternativa conhecida, autorizando-se o menor número de animais necessário para resultados válidos e buscando-se, sempre que possível, o refinamento de técnicas e procedimentos para resultados mais precisos.

Além do imperativo ético, o uso responsável e o foco no bem-estar dos animais é uma exigência legal. A ciência está submetida a diversas instâncias de regulamentação e a rigoroso controle das atividades de pesquisa. A redução do sofrimento por meio do uso de anestésicos e analgésicos, a escolha de técnicas adequadas e a necessidade de acompanhamento por veterinários são protocolos obrigatórios.

Hoje, o impedimento da experimentação animal em pesquisas significaria uma perda para a saúde da população e um retrocesso para a ciência. Cabe aos pesquisadores e às instituições manterem seu compromisso de responsabilidade e ética com os animais, firmes no propósito de beneficiar a sociedade.